

Remédio: Saúde ou Indústria? A Produção de Medicamentos no Brasil. Jorge Bermudez. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1992. 124 p., bibliografia. (Brochura)
ISBN 85-85427-12-4
Cr\$ 99.000,00

Não se vai fazer aqui um resumo do livro de Bermudez. Quem desejar saber do que, globalmente, trata o referido livro, encontrará na quarta capa do mesmo um breve e competente resumo.

Antes de mais nada, é preciso dizer que se trata de um trabalho sério e engajado, por ter sido feito por alguém que reúne a dupla qualidade de pesquisador, ou seja, estudioso da matéria, e de profissional que, na direção de empresas estatais ligadas ao setor, viveu ou vivenciou, na primeira pessoa, o objeto de sua reflexão.

Nesse sentido, obtém-se, do livro, para quem o deseja, informação farta e posicionamentos claros sobre temas polêmicos como o papel da Ceme, o setor estatal de produção, a delicada questão das patentes — num contexto histórico como o atual, onde, sem dúvida, é necessário, digamos, um certo "jogo de cintura" para defender, elegantemente, uma posição nacional

lista — e a produção de imunobiológicos.

Gostaria de indicar para reflexão algo que é, apenas aparentemente, uma questão formal. Trata-se do título do livro.

Com efeito, quem ler o título poderá imaginar que o referido livro diz respeito a uma oposição, no que toca ao medicamento como objeto de reflexão, entre "saúde" e "indústria". Ou seja, o título sugere que o livro deverá dirimir a seguinte dúvida: entre a "indústria" e a "saúde", com qual das duas deve ficar o medicamento?

Ora, ao se ler o pertinente trabalho do Prof. Bermudez, chega-se à conclusão que o livro não trata da referida oposição, mas das condições para uma adequada política industrial, sobretudo pública, de medicamentos.

Deste tema, reitero, o livro trata muito bem.

Pode-se compreender a escolha do título; muitas vezes ela é baseada em critérios mercadológicos.

Talvez com este título o livro venda mais, o que é bom, porque se trata de um bom trabalho.

Fernando Lefèvre

Faculdade de Saúde Pública
Universidade de São Paulo

Guia Terapêutico Ambulatorial 1992/1993. Suely Rozenfeld & Vera Lúcia Edais Pepe, (organizadoras). Porto Alegre: Artes Médicas/Rio de Janeiro: Abrasco, 1992. 420 p., índice remissivo, índice de nomes comerciais, índice de nomes genéricos, índice dos medicamentos essenciais — *Rename*, relação de tabelas, tabelas, bibliografia. (Brochura)
Cr\$ 141.000,00

Iniciar uma resenha com elogios rasgados pode parecer uma atitude acrítica, proveniente de um entusiasmo excessivo, mas é exatamente o que farei em relação ao Guia Terapêutico Ambulatorial, organizado por Suely Rozenfeld e Vera Lúcia Edais Pepe. Elogios à iniciativa de produzir e editar este Guia jamais serão, a meu ver, suficientes, e explico o porquê.

Em primeiro lugar, o Guia vem preencher um

vazio, apontado pelas organizadoras na apresentação, qual seja o de cumprir a recomendação da Organização Mundial da Saúde quanto à elaboração de listas de fármacos e guias terapêuticos independentes e baseadas em critérios racionais. Cumprir esta recomendação é uma necessidade crítica se pretendemos fazer frente, de forma lúcida e enérgica, à invasão de tecnologia na saúde baseada exclusivamente em leis de mercado e consumo. Neste aspecto, o Guia é excelente. Está justamente propondo uma visão crítica que, longe de atacar a tecnologia, propugna a possibilidade de utilizá-la com o maior proveito e o mínimo de danos. Suas indicações são racionais e as contra-indicações, bem justificadas e detalhadas, referindo-se tanto a medicamentos isolados como a combinações e prescrições indesejáveis. Melhor, seu texto foi elaborado com o recurso de profissionais experientes e submetido a uma avaliação em diver-

sos serviços antes de receber a forma final.

A apresentação dos medicamentos por classe terapêutica permite, a meu ver, uma utilização freqüente e pouco trabalhosa no ambulatório. Simultaneamente, a existência dos índices por nomes comerciais e genéricos, bem como a bibliografia bem-organizada, facilitam a busca de informação mais extensa, caso seja do interesse do usuário.

Particularmente em uma área muito carente de terapêutica — a do ensino médico —, o Guia representa uma possibilidade importante de melhoria da formação profissional, introduzindo conhecimento mais denso e correto em meio aos folhetos de propaganda com os quais o estudante convive.

Acompanhei, em parte, o trabalho de confecção e avaliação do Guia, impaciente para vê-lo pronto e amplamente divulgado e distribuído. Na verdade, sempre contei que seria tão prático, abrangente e sério como está, pois não

poder-se-ia esperar resultado diferente a partir da equipe que o organizou.

Parabéns a Suely Rozenfeld, Vera Lúcia Edais Pepe e seus colegas pela pertinácia e competência, e peço licença para utilizar o comentário de um dos participantes do seminário de avaliação do Guia, realizado na ENSP em 1991: "O que eu gosto no Guia é a sua petulância". Petulância para ser inteligente, independente, para propor a transformação.

Desejo ver este Guia Terapêutico Ambulatorial na mão de todos os estudantes e profissionais de saúde do país, sempre revisto e atualizado, com tiragens bem grandes, compatíveis com os nossos sonhos de uma melhor atenção à saúde para todos os brasileiros.

Jane Dutra Sayd

Instituto de Medicina Social
Universidade do Rio de Janeiro

Medical Anthropology: Contemporary Theory and Method. Thomas M. Johnson & Carolyn F. Sargent (organizadores). New York: Praeger Publishers, 1990. 479 p., bibliografia, índice. (Brochura) (Versão em capa dura publicada pela Greenwood Press, New York, sob o título *Medical Anthropology: A Handbook of Theory and Method*, 486 p., ISBN 0-313-25947-X, US\$ 95.00) ISBN 0-275-93753-4 US\$ 29.95

Escrito com o objetivo de apresentar o estado da arte no campo da antropologia médica, segundo as palavras dos organizadores, o livro de T. Johnson e C. Sargent vem preencher uma grande lacuna no ensino desta disciplina. Isto porque as outras coletâneas publicadas, como as de D. Landy (MacMillan, 1977) ou de M. Logan & E. Hunt (Duxbury, 1978), estão esgotadas. Além do que, mesmo que ainda estivessem disponíveis no mercado, precisariam passar por uma cuidadosa revisão visando sua atualização.

Dividido em cinco seções, totalizando 19 capítulos, o volume conta com textos assinados

por nomes de destaque no campo da antropologia médica. O cuidado na seleção dos capítulos por parte dos organizadores resultou em um texto denso, rico em novas abordagens, muito apropriado para o ensino ao nível de pós-graduação. Merecem destaque a excelente bibliografia geral, com mais de 1.200 referências, e o índice remissivo, que muito facilita o leitor na localização de tópicos que, muitas vezes, são tratados em mais de um capítulo.

Em sua maioria, os vários autores privilegiam a abordagem da antropologia cultural no entendimento dos fenômenos biológicos, muitas vezes caracterizados como **construções culturais**. Por exemplo, o capítulo de N. L. Etkin (*Ethnopharmacology: Biological and Behavioral Perspectives in the Study of Indigenous Medicines*) argumenta que a **eficácia terapêutica** seria culturalmente construída. A. J. Rubel & M. R. Hass (*Ethnomedicine*) discutem a importância das abordagens êmicas na construção de modelos explicativos acerca do processo saúde/doença, chamando atenção para suas limitações no que tange a comparações interculturais. No campo da psiquiatria, os capítulos de H. F. Stein (*Psychoanalytic Perspectives*) e de C. C.